

# Vivências do ProfMat 2004

Isabel Paula

Quando me despedi das minhas colegas da escola dizendo “beijinhos, vou para o ProfMat, desta vez é na Covilhã”, elas responderam “leva camisolas, lá está sempre frio” ou “leva Kispo, porque o tempo engana e lá chove”. Assim fiz, atulhei a mala de roupa, mas ... nada disso foi preciso, pois o calor era sufocante e dava para fazermos sauna, não só pela temperatura ambiente, mas também pelo sobe e desce, dos hotéis para o Pelourinho ou Universidade, do Pavilhão das Engenharias para a cantina. Posso dizer que este ProfMat foi um 2 em 1, de Matemática e Educação Física ...

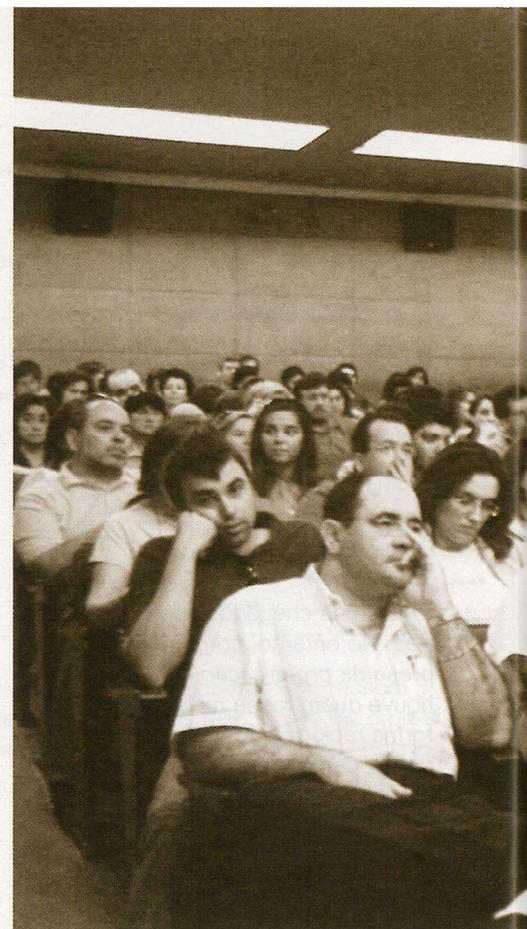
Cheguei ao Pavilhão das Engenharias para recepção e entrega de pastas e logo me deparei com conversas entre colegas “tenho de me ir já embora porque não fiquei colocada”, “o meu novo presidente da Comissão Executiva não autoriza que aqui esteja”, “tenho de desmarcar a sessão de trabalho que me ofereci para dinamizar porque me passaram à frente nas colocações e tenho de ir reclamar” ... Foi neste contexto sócio-político que se realizou em 2004 este ProfMat. Em quase 20 anos de realização nunca ouvi nada disto! Na Educação e nossa vida profissional, muito se tem alterado para pior. O entusiasmo que se tem quando se chega à escola em relatar aos colegas o que se aprendeu e mesmo o trabalho colaborativo com professores e inovações nas aulas numa disciplina de tanto insucesso escolar estão a ficar cada vez mais comprometidos. Parece-me que foi a primeira vez que ninguém dos poderes centrais do Ministério da Educação esteve presente. Terá sido por acaso, sendo a Matemática tão acusada no domínio público?

Claro que a Comissão Organizadora não tem culpa disto e esforçou-se para apresentar um programa diversificado e entusiasmante onde, como já é hábito, a dificuldade está na esco-

lha: sessões sobre *Reorganização Curricular* ou sobre *Estatística*? Sobre as *Reprovações no Ensino Básico* ou sobre *Reflectir, investigar e escrever*? Sobre *Jogos matemáticos* ou sobre *Tecnologias*?

As sessões plenárias apresentaram temas variados. Começou-se com José Manuel Matos que, partindo de estudos de caso extraídos de teses de mestrado, relatou situações de insucesso escolar, particularmente em Matemática, de alunos de todos os níveis de escolaridade, excepto o superior. É importante esta consciencialização de que muito do que se passa com os nossos alunos tem muitas vezes causas exteriores à sala de aula e de que, nos casos em que o principal responsável é o contexto sócio económico, por vezes a escola e os professores fazem orelhas moucas e não alteram nada na sua organização e nas suas práticas, o que estaria ao seu alcance, para o minorar. Claro que não é fácil chegar a todos. Também seria interessante questionar se em alunos com contextos sócio-económicos favorecidos não existe insucesso escolar e quais os factores que o determinam ou diminuem. Serão as causas no Básico assim tão diferentes das do Secundário? Será que, neste último ciclo, a principal razão é a pressão que o exame exerce sobre os professores? Um dos exemplos apresentados identificou posturas sociais e afectivas diferentes entre os professores do Secundário. Como investigou António Damásio, temos de passar do modelo cartesiano *penso, logo existo*, para o *sinto, logo existo*, sem cairmos no pedagogismo ou no facilitismo.

Outra conferência muito interessante foi a de João Barroso sobre as consequências e responsabilidades do ensino da Matemática na defesa e promoção da escola pública. Começou por identificar a importância



histórica e cultural da escola pública, referindo as pressões cada vez maiores que se vão exercendo para a privatização de serviços públicos, especialmente na educação, numa perspectiva neo-liberal. Mas quando eu (e todos?) esperávamos dicotomia público-privado ele colocou a questão de uma outra forma, referindo os interesses específicos de cada um dos pratos da balança, o que nos levou a uma perspectiva mais abrangente de análise. Como exemplo do que referi ele questionou a coerência de, por outro lado, se verem os pais e a comunidade como meros *intrusos e opositores* e não como parceiros sociais, não sentindo a necessidade de dialogar com eles, antes se permanecendo autista no isolamento da sua sala de aula, e por outro lado, quando os professores são encarregados de educação questionarem tudo. E ainda, inquiriu sobre qual o saber matemático permitirá defender a escola pública. Será o de uma visão tradicionalista ou será o saber socialmente construído nas nossas comunidades de prática? Incomodou-nos, desafiou-nos e pôs-nos a pensar e reflectir nos limites, potencialidades, e na nossa responsabilidade em defesa da escola pública. Adelina Precatado e Fernando Nunes questionaram no, colocando-lhe per-



guntas pertinentes, demonstrando terem bem preparada a sessão.

É claro que assisti aos temas que mais me interessavam, havendo neste ProfMat um novo tipo de sessão, as conferências debate. Numa destas, a que assisti, foi feito o balanço destes anos de reorganização do Ensino Básico. Luísa Alonso, estudiosa do tema desde o início do processo, convidou para o debate professoras dos três ciclos de escolaridade, que apresentaram pontos fortes e fracos, levando a assistência a questionar-se sobre essa problemática. Sendo um processo que ainda está a decorrer, interessa pensar se tudo se pode alterar num ápice, como queria o antigo ministro Justino que, por exemplo, ao acabar com as parcerias pedagógicas nas áreas não curriculares do 3º ciclo, e depois com as suas propostas de alteração dia sim, dia não, procurou descaracterizar quase tudo, afirmando Luísa Alonso que *"agora se vira de novo a página sem a ter lido e especialmente sem a ter compreendido"* Mas, também nós, enquanto professoras, o que temos feito na nossa prática relativamente às inovações? Temo-nos limitado a utilizá-las como receitas meramente burocráticas, como é o caso da elaboração do plano curricular de turma das novas

áreas etc? Muito gasto de papel, mas no fundo rejeitamos e mantemos as nossas convicções ou adaptamos às nossas realidades? Que passos têm de ser dados ou alterados? Todas estas questões ultrapassam as experiências pessoais, mas são fruto também da interpretação que os professores fazem das mudanças, e fiquei com uma perspectiva mais alargada de como se interligam o desenvolvimento dos alunos, o curricular, o profissional e a organização nas escolas.

Outra conferência a que assisti foi de Dário Fiorentino, relatando como se tem processado o desenvolvimento profissional de um grupo de professores brasileiros participantes no *Grupo de Sábado* que utilizavam como modelo *reflectir, investigar e escrever*. Desde logo achei semelhanças com o processo que estou a viver no meu grupo da APM, o grupo GTI, percebendo pelos aspectos positivos relatados os que tenho vindo também a encontrar na minha experiência.

Se chegar à minha escola e fizer o relato do que acabei neste momento de escrever, dir-me-ão algumas colegas: *"Mas então e a matemática, foste só a questões gerais"*? Claro que não! Sendo responsável da minha escola ao concurso de jogos matemá-

ticos a realizar no Pavilhão do Conhecimento na semana da Ciência, preocupei-me em assistir a conferências e sessões práticas que fossem úteis para os professores e alunos implicados, bem dinamizadas pelo sempre bem disposto João Almiro e Luís Reis, entre outros.

Para além disto tudo, nos ProfMat's há o convívio, o encontrar colegas de outros pontos do país que não via há muito, confidenciar desencantos e alegrias, partilhar experiências, rir e descontraír, ver exposições temáticas de matemática, fazer compras de artigos regionais ou do comércio justo. Quem tiver uma imagem de professor carrancudo e mal disposto, sempre a pensar nos alunos e nos testes (desculpa lá Zé Paulo, claro que não é contigo e há mais excepções...), ficará muito admirado com a nossa descontração nestes encontros. Até a sessão cultural a que assisti com colegas da minha escola — o coro da Covilhã — deu ideias de canções para dizer à *maestrina*, do coro da nossa escola. Depois disto tudo ressalta uma imagem global: neste ProfMat não encontrei unanimismo, o preto e branco, todos a dizer que sim, mas a calar e a fazer com sempre. Nada pior que a paz podre, do faz de conta. Há cada vez mais professores que apresentam visões diferentes, alicerçadas nas suas práticas, que são capazes de discutir e ouvir perspectivas diferentes. Será isto um pequeno passo para a reflexão na acção? Seremos nós capazes de ir para as nossas aulas desmultiplicar o que aprendemos, junto dos alunos, e ousar efectivamente alterar algum grãozinho das nossas práticas? E, junto de colegas, teremos mais paciência para ouvir, contra argumentar e partilhar experiências, respeitando as diferenças?

Este é o meu olhar sobre o ProfMat. Cada um tem o seu, à luz das suas expectativas e interpretações. Desta vez não pude fazer nada senão participar *de cadeira*, e até tive de regressar antes do fim. Pode ser que no próximo ano em Évora, esteja mais disponível e activa. Até lá!

Isabel Paula  
E.B. 2,3 Conde de Oeiras